

Mindlin sugere o seguro-desemprego

SÃO PAULO (O GLOBO) — O diretor do Departamento de Tecnologia da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), José Mindlin, propôs ontem que os recursos do Finsocial sejam utilizados na constituição de um fundo do tipo seguro-desemprego, "uma forma de socorrer os trabalhadores sem emprego, já que o número de desempregados é grande e tende a crescer muito no próximo ano".

Apesar de não saber se a fórmula é viável, Mindlin acha que ela poderia ser estudada desde agora, pois alguma coisa terá que ser feita e parece que não existe sequer outra proposta em andamento.

Em entrevista, durante o almoço de fim de ano da Fiesp com a imprensa, Mindlin afirmou que o problema do desemprego não é só do trabalhador, mas também do empresário, que quando é obrigado a demitir, normalmente o faz contrariado.

— O empresário consciente e bem intencionado — disse — só demite quando a venda de seus produtos é reduzida, substancialmente, por problemas econômicos. Demitir significa ficar sem mão-obra treinada, difícil de substituir quando a economia voltar a crescer.

PELA AUSTERIDADE

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho, afirmou ontem que a austeridade "é a única saída para resolver as dificuldades econômicas", observando, porém, que os empresários não têm condições "de aceitar novos sacrifícios que possam comprometer o futuro industrial do Brasil".

As declarações de Luis Eulálio foram feitas durante o almoço de fim de ano da Fiesp. Favorável ao programa de ajustes na economia traçado pelo Governo, Luis Eulálio afirmou que "se a recessão de 1981 não rendeu os frutos esperados, pelo menos evitou que árvore morresse". O presidente da Fiesp não concorda com as críticas de alguns empresários de que o

Governo não está fornecendo as informações necessárias à Nação, observando que a Fiesp foi alertada de que 1983 seria um ano de muitas dificuldades.

Em relação ao socorro financeiro que está sendo negociado com o FMI, o presidente da Fiesp, em seu discurso, observou que "o Brasil é um país soberano e, como tal, saberá impor seus interesses na rodada de negociações que ora enceta com o FMI e com a comunidade financeira internacional".

Ao comentar as perspectivas para o setor industrial em 1983, o presidente da Fiesp afirmou que o de bens de capital continuará sendo o mais afetado e que terá dificuldades que podem "levar a uma quebradeira geral".

DÍVIDA DAS ESTATAIS

O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Einar Kok, propôs ontem que o Banco do Brasil assumira os débitos do México com as empresas brasileiras do setor, no valor global de US\$ 100 milhões.

Einar Kok também sugeriu, em telex enviado ao Ministro da Fazenda, Ernane Galvão, que o Governo federal recomendasse aos bancos privados a sustação dos débitos das empresas exportadoras de máquinas e equipamentos para o México, a exemplo do Banco do Brasil, que dilatou o prazo de pagamento da dívida até 31 de janeiro de 1983.

Segundo ele, cerca de 20 por cento da dívida já venceu desde agosto passado, quando o Governo mexicano decidiu suspender todos os pagamentos em moeda estrangeira. Einar Kok disse que estão envolvidas no problema 48 indústrias das áreas de máquinas e ferramentas, injetoras de plástico e máquinas rodoviárias e que muitas delas estão enfrentando "grave crise financeira".

At e o momento, três empresas já pediram concordata por causa da suspensão

do pagamento dos débitos pelo México: Indústrias Nardinni S/A, Vigorelli e Zopca.

O presidente da Abimaq afirmou que a principal preocupação desses empresários é com relação à exigência feita pelos bancos privados de que seja imediatamente quitada a dívida. Como todas as exportações de bens de capital foram refinanciadas pela Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex) através da Resolução 68, e pelos bancos privados (resolução 509) essas entidades financeiras estão exigindo a pronta cobertura em cruzeiros dos saques ainda não pagos pelo México.

Para Einar Kok, o Governo deve assumir o débito, pois essa seria a forma de pressionar o governo mexicano a pagar a dívida com as empresas de bens de capital.

FMI É NECESSÁRIO

PORTO ALEGRE (O GLOBO) — O presidente do grupo Gerdau, Jorge Gerdan Johannpetter, disse ontem que as medidas propostas pelo Fundo Monetário Internacional para a recuperação econômica do Brasil "são desagradáveis, mas realistas diante do quadro internacional de hoje".

— Um aspecto negativo da ida do Brasil ao Fundo Monetário Internacional é o fato de o País negociar sob pressão, sem manter a liberdade política nas decisões. É desagradável — observou, ressaltando no entanto, que acredita que as medidas sugeridas pelo organismo internacional deverão contribuir para a redução dos índices inflacionários no País.

Em palestra na Associação dos Jornalistas Econômicos do Estado, ele disse que simpatiza com o fim dos subsídios, já que é contrário a estes mecanismos de estímulo financeiro.

— Qualquer tipo de subsídio é profundamente anti-democrático, porque beneficia uma minoria — criticou.